

Lima Barreto e o outro lado do espírito de modernidade: a vingança dos derrotados

Marcos Paulo Torres Pereira¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar, sob as lentes forjadas pela crônica de Lima Barreto, *Queixa de defunto*, outras acepções de modernismo, que normalmente aparecem na historiografia literária brasileira como sinônimo de nacionalismo, valorização do popular e progresso (através da industrialização), principalmente. Nestes termos, versa este estudo sobre as concepções de modernismo e de modernidade na cidade do Rio de Janeiro, não pela óptica que seria adotada pelos partícipes da Semana de Arte Moderna, mas pelo olhar daqueles que foram excluídos e explorados, pois a obra de Lima Barreto vocifera sobre outro lado do modernismo e da modernização: o lado da pobreza, o lado dos desamparados e explorados, o lado dos excluídos, dos derrotados.

Palavras-chave: Modernismo; Antigos modernistas; Identidade.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar, bajo la lente forjada por crónica Lima Barreto, *Queixa de falecido*, otros significados de la modernidad, que suelen aparecer en la historia literária brasileña como sinónimo de nacionalismo, el aprecio popular y el progreso (a través de la industrialización), principalmente. En consecuencia, este estudio trata sobre los conceptos de la modernidad em la ciudad de Río de Janeiro, no por la óptica sea aprobado por los participantes de la Semana de Arte Moderno, sino por el aspecto de los excluidos y explotados, para la obra de Lima Barreto denuncia la otra cara de la modernidad y la modernización:

¹ Professor de literaturas de língua portuguesa na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.



el lado de la pobreza, del lado de los indefensos y explotados, el lado de los excluidos, de los vencidos.

Palabras clave: Modernismo; Modernistas del pasado; Identidad.

1. Antigos modernistas

“No século XIX, o triunfo da economia capitalista industrial na Europa acelerou de maneira impressionante o processo de urbanização do continente”.

(Fransérgio Follis)

A epígrafe pertence a Fransérgio Follis, tratando-se da abertura do capítulo “A modernização urbana: um projeto importado”, da obra *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. Nesse capítulo, o autor explica que o superpovoamento de bairros nas áreas urbanas acabou por suscitar novas concepções urbanísticas que, além de se preocuparem com condições sanitárias, abarcassem também o embelezamento e a racionalização do espaço urbano como elementos de ideais modernizadores. A intervenção de administradores europeus, municiados por esses ideais, objetivava a transformação da “velha urbe antiquada, herdada do período medieval, em uma cidade civilizada, dotada dos novos atributos que a modernidade passara a exigir”(FOLLIS, 2004, p. 24).

O triunfo da economia capitalista industrial referendado por Follis é um dos fatores que acabam por instaurar um espírito de modernidade nas sociedades ocidentais. No Brasil, esse modelo econômico, juntamente com o tecnicismo e cientificismo que lhe são ulteriores, em diálogo com o “Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”, lema das ideias positivistas de Comte que estampariam a bandeira nacional, acabam por servir de marca limitrófe entre um Brasil arcaico, rural, e um Brasil moderno, industrial.

F. Foot Hardman (2009, p. 169-170), no estudo “Antigos Modernistas”, aponta elementos outros que a esses se aliam, se

complementam ou se coadunam para a construção de um Brasil moderno, como a abolição do trabalho escravo, o fim da Monarquia e a implantação do novo regime republicano (1888-1889). Além destes, apontamos também a imigração de trabalhadores assalariados europeus para as fazendas cafeeiras e às nascentes indústrias, a presença do movimento operário de tendência social-democrata, campanhas de vacinação etc. que, de forma direta ou indireta, acabaram por balizar a forma de viver da população das cidades.

Hardman (2009, p. 169) alia-se a José Veríssimo para afirmar que, pelo menos desde 1870, “uma série de pensadores e obras já se inscrevia num movimento sociocultural de ideias e reivindicações” que esse historiador literário (Veríssimo) denominaria de *modernismo*, em percepções e representações de tempo e espaço, citando como catalizadores das reações de espírito os trabalhos de Comte, Darwin, Spencer, Taine e Renan. O autor de “Antigos Modernistas” vaticina:

É sua presença maciça nos principais centros urbanos do Brasil, na virada do século, um dos responsáveis pela renovação linguística, estética e temática da chamada literatura “pré-modernista” que, de nossa perspectiva histórica, já se apresenta como plenamente moderna. (HARDMAN, 2009, p. 170)

Tais catalizadores geraram reações que fluíram às proposições de Euclides da Cunha, que se alimentou do cientificismo à tessitura de *Os sertões*, principalmente dos postulados de Taine; ou ainda às proposições de Monteiro Lobato, nos ideais de modernização do país através da exploração do aço e do petróleo e da educação como estrutura basilar a um país rico. Estes autores, que não fizeram parte da Semana de Arte Moderna de 1922, atomizaram em suas obras o tom passadista e provinciano da Belle Époque, em busca de uma nova acepção de nacional maturada pelo espírito de modernidade.

Euclides e Lobato estão entre aqueles que a historiografia literária convencionou ajuntar numa orbe classificatória denominada pré-modernismo. Entretanto, pela “renovação linguística, estética e temática” (HARDMAN, 2009, p. 170) estes já se apresentavam como plenamente modernos, como antigos modernistas.

Entre esses antigos modernos aludidos, encontrava-se Lima Barreto, cuja obra registra o impasse entre dominantes e dominados, vitoriosos e derrotados, numa linguagem demarcada por discussões filosóficas e crises existenciais, decepções e ironias.

2. O outro lado do espírito de modernidade

A cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, não somente como cenário de modernidade, mas como cenário onde se despertam situações pelos processos de modernização, é constantemente visitada pelas letras do autor de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Os Bruzundangas* etc. nas quais podemos encontrar os reflexos dos processos socioeconômicos iniciados nas últimas décadas do século XIX.

Como matéria literária, o Rio de Lima Barreto possibilita leituras e interpretações diversas em um discurso no qual sinais de modernidade são empregados como denúncia ao outro lado do progresso: a sobrevivência dos derrotados. Como manifestação e referenciação simbólica, é uma cidade na qual a concepção de urbe de modernidade deixa sua marca.

Na visão satírica de Barreto ao Rio, na descrição de tipos e lugares, na narrativa de situações, não se sobressaem aqueles que de forma contumaz são laureados, mas os vencidos, num plano mais amplo de significação em que se desenvolve o que aqui denominamos de “vingança dos derrotados”, pois do ponto de vista de baixo, corroem-se fetiches, apontam-se pechas, eliminam-se o

brilho de figuras e instituições, apontam-se falhas da cidade (conjecturas e situações).

Na crítica de Antonio Arnoni Prado (PRADO, 2015, p. 127) ao livro *Histórias e sonhos*, de Lima Barreto, esses sinais de vingança são apresentados de forma pontual como

um flagrante ampliado da obra maior em que estão inseridos, mas sobretudo por confirmarem, naquele momento de incertezas que cercavam a vida do escritor, os temas centrais de uma revelação do Brasil que só viria a ser compreendida algumas décadas depois.

As letras de Lima Barreto revelam uma concepção coerente de literatura como arte militante, depositária de seu pensamento acerca da sociedade carioca. Sua obra vocifera, revelando o outro lado da tessitura de um espírito de modernidade, atingindo superioridades e distinções que esta erige, na defesa dos que não são laureados ou dos que não recebem benesses.

O termo “vingança”, neste contexto, torna-se multívoco, pois na mesma construção em que significa “desforra, represália, vindita”, por extensão significa também, simbolicamente, a resistência daqueles que, mesmo numa existência socioeconômica acachapante, teimam em desenvolver, medrar, alcançar a sobrevivência. O outro lado do espírito de modernidade, que muitas vezes parece ser escondido por um tapume de progresso, é apresentado por Lima Barreto com a autoridade de voz daquele que sentiu a derrota por não ter a “cor certa”², por não ter a “conta bancária certa” ou por não morar nos “cantos certos” da cidade.

Arnoni Prado, acerca dos tipos apresetados por Lima Barreto, afirma:

² À época de Lima Barreto, certas correntes de pensamento cientificista consideravam uma, pretensa, superioridade da raça branca, além de apontar a mestiçagem como degeneração de raça. Ressalte-se que o autor de *Os Brunzundangas* e *Histórias e Sonhos* era mulato.

Desfila então, aos olhos do leitor, uma coluna de notáveis que causam ao narrador a impressão de estar frente “a uma vitrine de museu de casos de patologia social”: viscondessas ventradas de traços empastados e pince-nez de ouro; mundanas cobertas de joias; mulheres exploradas pelos maridos; viciados; exibicionistas; almirantes que não conhecem o mar... Lima Barreto, sob certo aspecto, parece vingar-se daquele mundo que, à época de *Histórias e sonhos*, lhe parecia – a ele que por duas vezes fora recolhido ao hospício – um obstáculo definitivamente intransponível (PRADO, 2015, p. 138).

Enquanto de um lado encontravam-se os “vencedores”, doutro os “vencidos” sofriam as agruras de se estar à margem da urbe. “Daí a propensão para acutillar os privilégios de classe e o desfrute a que só tinham acesso os bem-postos na vida”(PRADO, 2015, p. 137). Lima Barreto, ciente da literatura dominante, da literatura beletrista amante da alta sociedade, põe-se como agente de vingança na rejeição ao papel puramente decorativo da literatura, em letras engajadas a mostrar o outro lado do tapume do progresso: a pobreza, a exploração, o preconceito (econômico, de cor, de credo etc.), que sofriam aqueles que se encontravam à margem.

O ensaio crítico de Arnoni Prado aponta uma série de casos nos contos que compõem *Histórias e sonhos* nos quais subjazem a reação do autor às condições acachapantes da sociedade, em relatos que apresentam quase sempre decepção e ironia, descartando o estilo de arte pela arte característico à prosa e à poesia parnasiana e se eximindo do pedantismo e da declamação passadista, em prol de uma linguagem acessível a uma outra camada da sociedade, a outra casta da economia: enquanto aos bem-postos apresentavam-se o pedantismo da literatura, aos vencidos o autor apresentava uma literatura matizada pelo coloquialismo, passível de ser entendida, transmissora de certos valores que “a uma vitrine de museu de casos de patologia social” denunciava.

Os que estavam à margem não faziam parte do “Estado-máquina”³, não tinham acesso à “máquina-dinheiro”, tampouco compunham as urbes modernas, caracterizadas por “figurações mecânico-organicistas”, não eram engrenagens que pudessem ser mobilizadas pela organicidade funcional das cidades, eram o excesso, o restolho... Eram, em essência, o outro lado do espírito de modernidade que o moderno e o progresso não queriam conhecer, mas que lhes foram apresentados pelas letras de Lima Barreto, eram aqueles que vingaram.

3. O defunto e o outro lado do tapume

Segundo Joaquim Justino Moura dos Santos (SANTOS, 2009, p. 3), o nascimento dos subúrbios no Rio se deu entre as décadas de 1870 e 1930, “nas áreas até então correspondentes às então [sic] freguesias de Inhaúma e de Irajá – hoje ocupadas por cerca de 78 bairros”. As ações para esse fim tiveram maior força com a reforma urbana idealizada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos, entre os anos de 1903 e 1906.

Marly Silva da Motta (MOTTA, 2002, p. 196), com base no artigo do engenheiro José de Oliveira Reis, publicado no livro oficial do IV Centenário do Rio de Janeiro, em 1965, assevera que, além de Pereira Passos, outros dois prefeitos do período tiveram grande importância quanto a ações para a mudança da paisagem carioca: Paulo de Frontin (o “Hércules da prefeitura”), que esteve no executivo de 23 de janeiro a 28 de julho de 1919, responsável por “abertura, pavimentação e duplicação de ruas e avenidas, e à perfuração de túneis, como o que ligava o centro da cidade à área portuária” e Carlos Sampaio, prefeito de 1920 a 1922, o “homem que arrasou o Castelo” a quem Lima Barreto combateu em *O Subterrâneo do Morro do Castelo*.

³ “Que se constituiu, ao mesmo tempo, como aparelho material de dominação e como construção nacional-mítica de uma comunidade imaginada” (HARDMAN, 2009, p. 180).

Com o intuito de se repensar o Distrito Federal quanto às modernas concepções de urbe, uma nova distribuição social dos espaços objetivava o alargamento de ruas, o fim dos cortiços, saneamento e embelezamento de vias e a reurbanização do porto (estrategicamente, uma das medidas mais importantes de então, pelo caráter de industrialização da cidade e pela necessidade de escoamento de produtos, além de propiciar melhores condições de importação, pois era o Rio o principal centro consumidor de produtos importados).

Essas mudanças apontavam a uma concepção de cidade ideal, na qual não se encontrariam quaisquer máculas de ordem física (em primeira instância, dado o embelezamento e saneamento da urbe) ou social (à medida que os antigos moradores de cortiços que se instauravam no centro da cidade foram paulatinamente “empurrados” às margens, aos subúrbios), tendo por norte a aceção de que mudanças físicas gerariam mudanças sociais. Acerca desse processo, escreveu Lima Barreto:

De resto, o urbanismo foi criado pelo próprio governo da república, dando nascimento, por meio de tarifas proibitivas, a um grande surto industrial, de modo a fazer da longinqua Sorocaba, antigamente célebre pela sua feira de muares, uma pequena Manchester, como a chamam os paulistas. Veio depois a megalomania dos melhoramentos apressados, dos palácios e das avenidas – o que atraiu para as cidades milhares e milhares de trabalhadores rurais (BARRETO, 1961a, p. 104).

Na crônica “Queixa de defunto”, publicada na revista *Careta*⁴, em 20/03/1920, Barreto apresenta Antônio da Conceição, um daqueles que estão do outro lado do dito “tapume”, um morador do subúrbio carioca. Conceição, recém-defunto, evoca a Lima Barreto que lhe represente junto ao prefeito do Rio de Janeiro, pois “em vida

⁴“Lima Barreto, então próximo ao fim da vida, não poupou críticas, nas suas colaborações à imprensa, em especial à revista *Careta*, ao desmonte, ao aterramento do mar e à demolição das casas ocupadas pelos pobres, na orla do morro” (RESENDE, 1999, p. 10).

nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma” (BARRETO, 1961b, p. 221) mediante uma carta que lhe mandara e que era endereçada a esse prefeito.

Assim como Machado de Assis empregara um Cubas para desenvolver sua crítica, empossando-lhe do papel de narrador das próprias memórias após a morte, Barreto toma de um Conceição para, também após a morte, denunciar o descaso da municipalidade com o subúrbio carioca.

Conceição é retratado como um do povo, um pobre lustrador de móveis, um carioca que não conheceu os bons frutos da urbe por ser morador do Méier, na Boca do Mato, simplório até, por sua condição de aceitação:

Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui hermista, não me meti em greves, nem em cousa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia (BARRETO, 1961b, p. 221).

O escritor assume nessa crônica o papel de representante de Conceição junto à municipalidade, no afã de reivindicar ações de melhoria urbana, à medida que transcreve a referida carta. O texto vem ao encontro do comportamento que já lhe era um hábito: por seu posicionamento crítico, Barreto enxerga os problemas dos não-privilegiados, analisa-os buscando antecedentes, consequentes e responsáveis, toma para si a obrigação de defender àqueles que necessitam e denuncia tais problemas e/ou situações através de sua literatura.

À moda de um exercício de retórica, Barreto, nas palavras de Conceição, não tão somente denuncia, mas busca convencer, persuadir ao leitor mediante argumentos, quanto à inércia do poder público ao subúrbio, assim emprega a razão (logos), a paixão (pathos) e os valores (ethos) na “intenção de dar às suas páginas uma preocupação social e política que incluirá o desejo de ser voz dos segregados” (RESENDE, 1999, p. 12).

Na missiva, Conceição narra como vivera sempre na mansidão (o que faz com que o leitor nutra certa simpatia pela personagem):

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

(...) É bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa (BARRETO, 1961b, p. 221-222).

Em seguida, Conceição municia-se do ethos para explicar sua situação: após viver na mansidão esperando o descanso eterno, São Pedro o manda de forma injusta passar uma “temporada” no inferno por culpa de outrem (o prefeito e a repartição por ele dirigida).

A razão é a arma da denúncia:

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver porquê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos. Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo (BARRETO, 1961b, p. 222).

A conclusão do pleito de Conceição é novo apelo ao ethos: “está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível” (BARRETO, 1961b, p. 223).

A condição de segregado do queixoso quanto às benesses da urbanização que reformulava a cidade do Rio de Janeiro àqueles que faziam parte de um grupo de privilegiados é perceptível, pois este fazia parte da massa que estava do outro lado, que teimava em vingar e que Barreto vingava na visão irônica dos abastados.

4. Conclusão

Novas estruturas urbanas tornavam-se reflexo de novas concepções de modernidade: o Estado preocupava-se com o centro da cidade para dar corpo às ideias de ordem e progresso. Associado a novos capitais e grupos de interesses, olhava para o porto.

A demolição de prédios, bairros e ruas, conceituados como “insalubres”, “feios” e localizados na área central tem a finalidade de aumentar e destacar a importância dos monumentos recém-construídos. Resulta disso a grande valorização imobiliária do espaço urbano, expressa na construção e abertura de grandes avenidas, com o objetivo de privilegiar os parâmetros de eficiência, ordem e progresso. Inicia-se, portanto o processo de segregação, próprio da vida moderna, obedecendo a um esquema geométrico e rígido de base positivista (FIGUEIREDO, 1995, p. 70).

A ordem e o progresso, porém, não eram para todos, pois a base de modernidade gerada por esses ideais não abarcavam os excluídos. Somente pelas palavras de Lima Barreto, é que os segregados da modernidade obtinham voz, somente por suas palavras aqueles que se encontravam à margem (geográfica e economicamente) vingavam sua condição.

Em “Queixa de defunto”, Barreto não somente dá voz a um desses segregados, mas assume essa voz por ser ele também um deles, porquanto sabedor dos caminhos de Inhaúma ao Méier, então área de subúrbio que o progresso desconhecia e que a ordem preferia esconder.

O tapume de modernidade é quebrado pelo escritor, na compreensão de que através de uma literatura atuante a vingança dos derrotados pode ser alcançada.

Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. “Urbanismo e Roceirismo”. In. **Impressões de Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961a.

_____. “Queixa de defunto”. In. **Vida Urbana – Artigos e crônicas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961b.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HARDMAN, F. Foot. Antigos modernistas. In: **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: UNESP, 2009.

MOTTA, Marly Silva da. “O ‘Hércules da prefeitura’ e o ‘demolidor do Castelo’: o Executivomunicipal como gestor da política urbana da cidade do Rio de Janeiro”. In.: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed.FundaçãoGetulio Vargas, 2002.

PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto entre história e sonhos. In: **Cenários com retratos: esboços e perfis**. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

RESENDE, Beatriz. “O Subterrâneo do Morro do Castelo – Um folhetim de Lima Barreto”. In. BARRETO, Lima. **O Subterrâneo do Morro do Castelo**. 3ª ED. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. Memórias, saberes e identidades do lugar. In: **Simpósio Nacional de História**, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

